



História, Ciências, Saúde - Manguinhos

ISSN: 0104-5970

hscience@coc.fiocruz.br

Fundação Oswaldo Cruz

Brasil

Domingues Corrêa, Anderson; Siqueira-Batista, Rodrigo; Quintas, Luis Eduardo M.; Siqueira-Batista, Romulo

Similia Similibus Curentur: Revisitando aspectos históricos da homeopatia noveanos depois
História, Ciências, Saúde - Manguinhos, vol. 13, núm. 1, enero-marzo, 2006, pp. 13-31

Fundação Oswaldo Cruz

Rio de Janeiro, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=386137982002>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc



Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto



Similia Similibus Curentur: Revisitando aspectos históricos da homeopatia nove anos depois

*Similia Similibus
Curentur: revisiting
historical aspects of
homeopathy nine
years later*

Anderson Domingues Corrêa

Professor do Centro Federal de Educação
Tecnológica de Química de Nilópolis – RJ.
Rua Lucio Tavares, 1045, Centro
26530-060 Nilópolis – RJ – Brasil
andersondomcor@yahoo.com.br

Rodrigo Siqueira-Batista

Professor de clínica médica, nos cursos de medicina
e de filosofia, e de ciência da computação,
Fundação Educacional Serra dos Órgãos
Av. Alberto Torres, 111, Alto – Várzea
25964-000 Teresópolis – RJ – Brasil
anaximandro@hotmail.com

Luis Eduardo M. Quintas

Professor do Departamento de Farmacologia Básica
e Clínica, Centro de Ciências da Saúde, UFRJ
Cidade Universitária – Ilha do Fundão –
Edifício do CCS, Bloco G
21949-900 Rio de Janeiro – RJ – Brasil
lquintas@farmaco.ufrj.br

Romulo Siqueira-Batista

Professor de filosofia, Curso de
Ciência da Computação, (FESO).
Av. Alberto Torres, 111, Alto – Várzea
25964-000 Teresópolis – RJ – Brasil
clinamen1@yahoo.com.br

CORRÊA, A. D.; QUINTAS, L. E. M.;
SIQUEIRA-BATISTA, R.; SIQUEIRA-
BATISTA, R.: *Similia Similibus Curentur*:
revisitando aspectos históricos da
homeopatia nove anos depois.
História, Ciências, Saúde – Manguinhos,
v. 13, n. 1, p. 13-31, jan.-mar. 2006.

O presente texto retoma as discussões
iniciadas no artigo “*Similia Similibus Curentur*:
notação histórica da medicina homeopática”
(1997), revendo desvios conceituais de
outrora e aprofundando o debate histórico
sobre as origens da homeopatia. A
investigação se faz a partir de duas fontes
principais: os textos antigos – *Corpus
Hippocraticum*, obras de Galeno, Paracelso e
Hahnemann – e os estudos elaborados por
comentadores. Passados nove anos, ocorreu
uma paulatina revisão dos conteúdos
previamente abordados, retificação de alguns
pontos e aprofundamento das discussões,
permitindo um significativo amadurecimento
das posições manifestas outrora. A
homeopatia, ‘nascida’ no século XVIII,
enraíza-se nas próprias origens da medicina
ocidental, ao mesmo tempo em que busca
florescer neste século XXI, como
especialidade que deseja ser autônoma, mas
que necessita da legitimação da ciência
médica ‘tradicional’.

PALAVRAS-CHAVE: Homeopatia;
Hipócrates; história da medicina; Hahnemann.

CORRÊA, A. D.; QUINTAS, L. E. M.;
SIQUEIRA-BATISTA, R.; SIQUEIRA-
BATISTA, R.: *Similia Similibus Curentur*:
*revisiting historical aspects of homeopathy nine
years later*
História, Ciências, Saúde – Manguinhos,
v. 13, n. 1, p. 13-31, Jan.-Mar. 2006.

*Revising earlier conceptual misconstructions and
delving deeper into the historical debate on the
origins of homeopathy, this text returns to
discussions initiated in the article “Similia
Similibus Curentur: historical notes on
homeopathic medicine” (1997). Research has
been based on two main sources: ancient texts
– Corpus Hippocraticum and works by Galen,
Paracelsus, and Hahnemann – and the studies of
commentators. In the nine years since original
publication, previously explored content has
undergone gradual revision, some points have
been corrected, and discussions have developed
further, lending substantially greater maturity to
earlier positions. ‘Born’ in the eighteenth century
yet rooted in the very origins of Western medicine,
homeopathy is endeavoring to blossom in the
twenty-first century as a specialty that wants to
be autonomous but that needs the legitimacy of
‘traditional’ medical science.*

KEYWORDS: homeopathy; Hippocrates;
history of medicine; Hahnemann.

*Cale-se, homem! Um fogo incendeia outro fogo;
Uma pena é minorada com o sofrimento de outra;
Roda até a vertigem e ficarás sereno em direção contrária.
Uma dor desesperada cura-se com outro languir
Apanha em teus olhos alguma nova infecção
E o violento veneno do mal antigo desaparecerá.*

William Shakespeare

A homeopatia é um sistema médico possuidor de racionalidade própria, distinta da medicina alopática – esta última, no Ocidente, considerada a corrente tradicional (Luz, 1996). Em termos gerais, seus principais aspectos incluem o repertório doutrinário de inspiração vitalista, o processo diagnóstico centrado no enfermo – e não na doença – e a existência de uma abordagem terapêutica lídima, baseada na *lei dos semelhantes* – *Similia Similibus Curentur* (Eizayaga, 1992; Heinze, 1996).

A despeito de ser um paradigma estabelecido no século XVIII por Samuel Hahnemann, a história da homeopatia pode ser recontada a partir da medicina hipocrática, tomando como horizonte a conhecida distinção terapêutica estabelecida pelos artífices de Cós: a “cura pelos contrários” (*Contraria Contrariis Curentur*) – posteriormente consolidada por Galeno (129-199 d.C.) e Avicena (980-1037), tornando-se a base da alopatia – e a “cura pelos semelhantes” (*Similia Similibus Curentur*), reavivada no século XVI por Paracelso (1493-1591), e trabalhada de forma original por Hahnemann, anos depois (Corrêa & Siqueira-Batista, 1996; Corrêa et al., 1997; Dudgeon, 1994a, 1994b).

Este manuscrito representa uma retomada do ensaio “*Similia Similibus Curentur* – Notação Histórica da Medicina Homeopática”, publicado em 1997 (Corrêa et al., 1997), tendo por escopo a atualização das discussões fomentadas outrora, corrigindo-se equívocos e aprofundando os conceitos. Para percorrer tal caminho serão (1) enfocados os matizes da medicina helênica arcaica – pressuposto para o entendimento do processo de separação estabelecido entre homeopatia e alopatia, hoje métodos totalmente distintos de tratamento, mas que tiveram a mesma ‘inspiração’, nos trabalhos de Hipócrates de Cós –; e (2) averiguada a recorrência da *similitude* e da cura pelos opostos nas concepções dos três autores mencionados – Galeno, Avicena e Paracelso. Tal preâmbulo permitirá a incursão no “mundo” propriamente dito da Homeopatia.

As origens da medicina homeopática: a Escola de Cós

As raízes da homeopatia podem ser buscadas no *saber-fazer* médico da Escola de Cós, com a qual ela se formaliza na tradição médica do Ocidente. Até o século V a.C., aqueles que atuavam como

Trabalho realizado no Núcleo de Estudos em Filosofia e Saúde (NEFISA) da Fundação Educacional Serra dos Órgãos (FESO) e no Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

médicos – os asclepiades, descendentes de Asclépio, o deus da medicina –, empregavam procedimentos mágicos – interpretação de sonhos, investigação de premonições e outros –, visando restabelecer a saúde dos enfermos (Siqueira-Batista, 2003a). De fato, a obra de Hipócrates (460-350 a.C.) representa um marco na medicina ocidental, por sua decisiva participação na (1) consolidação de um método de observação clínica, o qual ainda se encontra vivo na prática médica hodierna; (2) elaboração de um corpo doutrinário capaz de fornecer explicações para os processos de adoecimento; (3) teorização acerca dos tratamentos possíveis e organização do repertório terapêutico vigente, ainda que divergente em relação a outras escolas médicas suas contemporâneas, como Cnidos; e (4) estabelecimento de uma ética que permaneceu hegemônica até a metade do século passado (Frias, 2001; Schramm, 2002; Siqueira-Batista, 2003a). Vejam-se brevemente, a seguir, os três primeiros aspectos, focos da discussão em pauta.

O método hipocrático de observação clínica estruturava-se a partir da coleta de informações – pela história do homem que sofre e pelo exame do seu corpo,¹ utilizando para isto a visão, a audição, o tato, o olfato e o paladar –, as quais deveriam ser coligidas, possibilitando a elaboração de um diagnóstico (ἁεἰῶνὸς ἐὐδὸί) – “caracterização” da doença – e do prognóstico (ᾧ ἰᾷ ἔστιν ἐὐδὸί) – permitindo antever o desfecho, a evolução, da moléstia (Cornford, 1989; Hipócrates, 1992a; Siqueira-Batista, 2004). É necessário observar os enfermos para que se adquira perspicácia em identificar os quadros nosológicos, pressuposto para tratá-los (Rebollo, 2003; Siqueira-Batista, 2003a). A observação e a experiência são, assim, os grandes fios condutores do método de Cós (Frias, 2001; Hipócrates, 1992a; Siqueira-Batista et al., 2004).

Do ponto de vista da fisiopatologia, um grande número de conceitos e idéias compõe o *horizonte doutrinário* da medicina grega antiga. Podem ser mencionadas as idéias acerca dos poros – bases fisiológicas da respiração e da percepção – e as teses referentes ao equilíbrio dos humores, as quais compõem a base do processo saúde-doença em Hipócrates (Hipócrates, 2002; Laín Entralgo, 1987). Uma das teorias humorais presentes no *Corpus Hippocraticum* estabelece que o corpo humano é formado por *sangue, flegma, bile amarela e bile negra* (Hipócrates, 1992b), os quais devem se manter em equilíbrio para que se estabeleça e se perpetue o estado denominado *saúde*, como o afirmado pelo autor do tratado *A Natureza do Homem*:

O corpo do homem é constituído por sangue, flegma, bile amarela e bile negra; estes fazem a natureza de seu corpo e através deles se sente dor ou se tem saúde. Ele goza de saúde perfeita quando esses elementos são devidamente proporcionais em composição, poder e volume e quando eles estão perfeitamente misturados, juntos. (Hipócrates, 1992b, p. 11)

¹ Alguns elementos do psiquismo são também levados em consideração, como, por exemplo, o humor e o estado de consciência do enfermo.

² Mas não é apenas esse o ‘mecanismo’ de adoecimento relacionado às alterações humorais. Os *humores* no estado ‘cru’ seriam deletérios ao indivíduo. Deste modo, mudanças qualitativas dos humores – em um mecanismo chamado pelos médicos hipocráticos de *cocção* (à semelhança do realizado com os alimentos) – teriam um efeito decisivo em amainar a sua nocividade ao organismo.

³ A analogia com o fragmento subsistente de Anaximandro é bastante pertinente: uma preeminência ‘espúria’ de um dos contrários no mundo promove uma situação tal que se torna urgente a reparação da *injustiça* (Siqueira-Batista, 2003a). Outros exemplos de influência filosófica na medicina poderiam ser apresentados; entretanto, uma investigação desta natureza mereceria um espaço próprio para o seu desenvolvimento.

A mistura, a proporção e a quantidade dos humores são determinantes da saúde física do homem. Nas situações em que há predomínio de um dos *humores* sobre os demais – o que geralmente se dá em certo(s) local(is) do corpo –, o processo patológico se instala,² levando ao adoecimento do indivíduo (Frias, 2001; Frias, 2002; Hipócrates, 1992b; Hipócrates, 1992c). É interessante pontuar a semelhança desta idéia com o pensamento do filósofo pré-socrático Anaximandro de Mileto (Kirk et al., 1994; Schüller, 2002; Siqueira-Batista, 2003b), como o discutido em outra oportunidade (Siqueira-Batista, 2003a).³ A ‘injustiça’ de qualquer dos *humores* também gera um desequilíbrio, manifesto como doença. Isto se apõe ao reconhecimento da existência de dois conceitos bastante recorrentes nas explicações dos fenômenos fisiológicos e patológicos na medicina hipocrática: a *isomoiria* (ἐὶς ἴσιν ἔσθαι) e a *compensação* (τιμωρία) (Jaeger, 1995). O primeiro termo refere-se à concepção de que uma igualdade de ‘forças’, sem predomínio violento de uma sobre as outras, traz a harmonia necessária à perpetuação da saúde. A *τιμωρία* relacionar-se-ia à idéia de que o estabelecimento de uma doença seria conseqüente a uma espécie de *compensação* – ou reparação, indenização – desencadeada pela supremacia de uma força – ou elemento – sobre as demais.

As *condutas terapêuticas* são bastante variáveis nos textos médicos antigos, o que se deve, provavelmente, à diversidade dos autores. A idéia básica seria a restauração de uma medida oculta – a *harmonia* – que, uma vez desequilibrada, torna-se expressa como adoecimento. De um modo geral, os médicos hipocráticos acreditavam no poder curativo da própria *ἰσότης* (natureza) e, por conta disto, muitas vezes evitavam intervenções na história natural das enfermidades, tal qual o descrito no *Epidemias VI*:

As naturezas são os médicos das enfermidades. A natureza encontra por si mesma os caminhos... Bem instruída por si mesma, sem aprendizagem, faz o que deve ser feito. (Hipócrates, 1839-1861, p. 314)

Tal princípio passou a ser reconhecido como *natura medicatrix* – ou “cura pela natureza” –, instituindo-se que esta é capaz de restabelecer a saúde do doente, cabendo ao médico imitá-la durante o tratamento, a fim de reconduzir o enfermo a um perfeito estado de equilíbrio. Para isto era prescrita, quando estritamente necessário, uma *dieta* adequada, entendendo-se aqui por *dieta* todo o regime de vida do homem, com especial atenção à ordenação dos alimentos e a moderação dos esforços físicos impostos ao corpo. São também terapêuticos o ar puro, os banhos de sol, a ginástica, as massagens, as sangrias moderadas, os purgativos suaves e os eméticos. Em relação a estes dois últimos – purgativos e eméticos – o sentido

básico era ‘eliminar’ – ou seja, extrair – os humores excessivos através das fezes, vômitos, urina e suores, o que era conhecido como catarse; com esta finalidade eram usados, geralmente, o heréboro negro (purgante) e o heréboro branco (emético). Outros componentes empregados com fins terapêuticos incluíam enxofre, chumbo, água do mar, mandrágora, coriandro, ópio, beladona, salsa, meimendro, loureiro, lótus, incenso, aipo, azeite, linho, cebola silvestre, cortiça e raiz de granado, manjerição, farinha de trigo, vinho, vinagre frio e quente, leite de cabra, de vaca e de jumenta, além do alcatrão – empregado como anti-séptico no tratamento de feridas infectadas (Corrêa et al., 2003; Hipócrates, 1998).

Além da concepção *natura medicatrix*, outros dois princípios norteadores da terapêutica são encontrados no *Corpus Hippocraticum*:

(1) *Contraria Contrariis Curentur* – a chamada lei dos contrários, em que os sintomas são tratados diretamente com coisas contrárias a eles; sobejam exemplos de indicações dos contrários para o tratamento das mais diferentes condições no *Corpus Hippocraticum* (Hipócrates, 1839-1861; Laín Entralgo, 1987).

(2) *Similia Similibus Curentur* – a lei dos semelhantes, segundo a qual a moléstia poderia ser extinta pela aplicação de ‘coisas’ suas semelhantes, tal qual o descrito no tratado *Da Doença Sagrada*: “A maior parte [das enfermidades] são curáveis pelo mesmo que as produz, porque o que para uma coisa é alimento, é corrupção para a outra” (Hipócrates, 1992c, p. 314).

O médico hipocrático entendia que as duas modalidades de tratamento eram eficazes no restabelecimento da saúde; portanto, a *lei dos contrários* e a *lei dos semelhantes* não se opunham em sua arte. O enfermo necessitaria, outrossim, ser tratado de forma abrangente, enfocando-se o homem e não a moléstia.

Estas conjecturas não são capazes, obviamente, de levar à idéia de uma ‘importação’ hahnemaniana da lei dos semelhantes de origem hipocrática (Abreu, 1936). Dizer isto representaria o mesmo que estabelecer que a moderna teoria atômica é uma *continuação* – linear – do atomismo antigo, o que está muito próximo do absurdo (Siqueira-Batista et al., 2000). Entretanto, o conceito de *cura pelos semelhantes* já ‘ressoava’ na Antigüidade, brotando em novas cores nas concepções terapêuticas de Hahnemann (Laín Entralgo, 1987). Esta ressalva é da maior importância, uma vez que, na primeira versão deste ensaio, tal formulação teórica não havia sido trabalhada com a necessária clareza.

Galeno e Avicena

Galeno, no século II, foi o maior comentador de Hipócrates na Antigüidade, tendo escrito mais de quatrocentos tratados (Universidade Católica do Chile, 2004). Suas doutrinas médicas, inspira-

das nos ensinamentos dos asclepiades de Cós – mas assinaladas por grande originalidade –, prevaleceram hegemônicas na medicina ocidental por aproximadamente 1.500 anos.

Entre as principais obras de Galeno destacam-se (Galeno, 1997; Garrison, 1966):

- (1) *Dissertações Anatômicas* – baseada na dissecação de animais, é obra repleta de descrições excelentes (mormente sobre o sistema locomotor e o sistema nervoso, como no caso dos nervos cranianos), mas, também, de informações errôneas acerca das vísceras abdominais;
- (2) *Da Conservação da Saúde* – no qual divide a medicina em *higiene e terapêutica*, ou seja, a arte de prevenir as doenças (manter-se saudável) e o mister de tratá-las;
- (3) os textos sobre cirurgia – haja vista sua grande experiência como médico dos gladiadores;
- (4) os escritos sobre fisiologia – os quais trazem a concepção *vitalista* dos três *espíritos*: o espírito *animal*, localizado no cérebro, o *vital*, no coração, e o *natural*, no fígado (estes espíritos e o sangue distribuem-se no interior das artérias e nervos, em um complexo mecanismo de fluxo e refluxo, cabendo ao coração o aquecimento – órgão do calor – e aos pulmões o resfriamento – órgãos do frio);
- (5) os escritos sobre patologia, nos quais é feita uma bela síntese das concepções humorais hipocráticas com seus pressupostos animistas, como substrato para a explicação do processo saúde-doença.

As enfermidades e os agentes medicinais, para Galeno, eram classificados em quatro ‘tipos’: *frios*, *quentes*, *úmidos* e *secos*. A partir deste entendimento, o autor indicava a cura pela utilização das ‘forças’ opostas, devendo-se administrar, por exemplo, um medicamento *frio* para o tratamento de uma doença *quente* (Galeno, 1997). Deste modo, torna-se reatualizada a *cura pelos contrários* estabelecida por Hipócrates.

As idéias galênicas ganharam grande ressonância na medicina antiga e medieval, tendo influenciado decisivamente a obra de ‘Abu ‘Ali al-Hussain ibn ‘Abd Allah ibn al-Hassan ibn ‘Ali ibn Sina – Avicena, o Príncipe dos Médicos –, considerado um dos maiores sábios do Islã, reconhecido principalmente por seu trabalho filosófico muito influente no século XIII, cuja grande ‘inspiração’ é aristotélica e neoplatônica (Gilson, 1998; Pereira, 2005). Para Avicena, o universo compõe-se de essências – ou naturezas – que constituem o objeto próprio do conhecimento metafísico, cabendo à filosofia o alcance da verdade (Avicena, s.d.; Gilson, 1998).

Nascido em 980, Avicena era bastante conceituado por seu talento como médico já aos 16 anos, tendo sido um dos grandes

difusores da obra de Galeno (Avicena, s.d.). Atribui-se a Avicena mais de duzentas obras, das quais uma das mais importantes é o *Kitab al-Shifa (Livro da Cura)*, composto por dezoito volumes – os quais abrangem metafísica, matemática, psicologia, física, astronomia e lógica. No campo da medicina, tornou-se célebre o seu *al-Quanun (Cânnon)*, distribuído em cinco volumes, os quais abordam (Avicena, s.d.):

Volume I – os princípios gerais da medicina;

Volume II – as formas segundo as quais se torna possível determinar a natureza dos remédios (incluindo uma lista com 760 produtos farmacêuticos);

Volume III – etiologia, sintomas, diagnóstico, prognóstico e tratamento das moléstias;

Volume IV – abordagem das enfermidades de um modo geral;

Volume V – prescrições para as diversas doenças.

Avicena reconheceu a natureza contagiosa da gripe e da tuberculose, a possibilidade de transmissão de doenças através da água e da terra, tendo descrito a infecção pelo helminto *Dracunculus medinensis* – causador da dracunculíase (Siqueira-Batista et al., 2001) – e o diabetes *mellitus*, até mesmo relatando o gosto adocicado da urina nesta condição (Garrison, 1966). No âmbito da terapêutica, retomou vários dos pontos da medicina galênica – “cura pelos contrários” –, perpetuando tais ensinamentos ao longo de toda a Idade Média (Avicena, s.d.).

Paracelso

No século XVI a medicina galênica era ensinada na maioria das faculdades de medicina. Nesse período, várias epidemias assolaram a Europa, havendo baixa expectativa de vida para as populações. A utilização de técnicas terapêuticas como sangrias, administração de vomitivos, purgativos e suadores, entre outras, era largamente aceita, a despeito de terríveis malefícios por vezes associados, reconhecíveis já naquela época (Gordon, 1996).

Nesse contexto surgem as inovadoras idéias de Aureolus Phillippus Teophrastus Bombastus von Hohenheim, o Paracelso (1493-1541), claramente contrapostas aos vigentes ensinamentos de Galeno e Avicena (Corrêa & Siqueira-Batista, 1996). Paracelso acreditava que os organismos eram possuidores de uma *anima* – princípio vital ignoto e arcano – instância capaz de garantir a perpetuação da vida (Paracelso, 1973). Retoma aspectos da medicina hipocrática, ao considerar o homem como um todo integrado – constituído de mente e corpo – em harmonia com o cosmo, e ao se agarrar ao aforismo *primum non nocere* – primeiro não fazer o mal –,

base do arcaico princípio de não-maleficência, presente na ética do mestre de Cós (Almeida & Schramm, 1999). Ademais, aplicou princípios da astrologia às concepções médicas, perspectiva cujas raízes podem ser buscadas na cultura helênica (Siqueira-Batista, 2003b), especialmente na fisiologia platônica apresentada no *Timeu* (Platão, 1956; Siqueira-Batista & Schramm, 2004) e na própria medicina hipocrática (Hipócrates, 1992d):

Há observações que ajudam a prever como será o ano, se salubre ou insalubre. Se não houver nenhuma alteração nos sinais que acompanham o poente e o levante dos astros, se as chuvas caírem no outono, se o inverno for moderado, nem muito ameno nem muito frio, se durante a primavera e o verão as chuvas seguirem a ordem dessas duas estações, naturalmente o ano será muito saudável. Ao contrário, quando a um inverno seco e boreal suceder-se uma primavera chuvosa e austral, o verão trará necessariamente febres, oftalmias e disenterias ... Se o inverno for austral chuvoso e ameno, e a primavera boreal, seca e fria, as mulheres que estiverem grávidas e que deverão dar à luz na primavera abortarão, e aquelas que chegarem ao termo, trarão ao mundo crianças fracas e doentias que morrerão imediatamente ou que viverão fracas e doentes. Tais são os acidentes próprios das mulheres. O restante da população estará sujeito às disenterias e às oftalmias secas; algumas pessoas apresentarão defluxões na cabeça e no pulmão. (Hipócrates, 1992d, p. 99-101)

Paracelso fez inúmeras contribuições à medicina e à química, introduzindo inúmeros medicamentos compostos por substâncias inorgânicas e orgânicas, alguns dos quais utilizados ainda hoje, como o ferro (empregável na correção da anemia ferropriva). Mais precisamente neste horizonte – a terapêutica – é que se estabelece o grande fosso entre Paracelso e a medicina de seu tempo, chegando ao píncaro de atear fogo aos tratados de Galeno e Avicena. Alguns de seus pressupostos terapêuticos incluíam (Corrêa & Siqueira-Batista, 1996; Dudgeon, 1994b; Paracelso, 1973; Vanin, 1994):

- (1) indicação de tratamentos mais ‘brandos’ – evitando sangrias e vômitos – para as diferentes moléstias;
- (2) oposição ferrenha à “cura pelos contrários”, assim demarcada: “Esta é a verdade: quem emprega o frio para o calor, a umidade para a secura, não entende a natureza da doença” (Paracelso, apud Dudgeon, 1994b, p. 13);
- (3) compreensão de que uma enfermidade poderia ser convenientemente tratada pelos semelhantes, através da prescrição de fármacos dirigidos ao controle dos vários sinais e sintomas apresentados pelo paciente: “O que produz icterícia também cura a icterícia e todas as suas espécies. De maneira igual, o remédio

que curará a paralisia deve proceder daquilo que a causa; e nesse sentido agimos de acordo com o método de cura pelos arcanos” (Paracelso, apud Dudgeon, 1994b, p. 13). Na verdade, Paracelso crê que a enfermidade se localiza em um órgão específico, de modo que a utilização de algo na natureza (o arcano) que se ‘remeta’ a esse órgão – de tal modo que seja similar a ele – é o pressuposto fundamental para o processo de cura: “As ervas medicinais são órgãos; esta é um coração, aquela um fígado, esta outra um baço. Não direi que todo o coração é visível ao olho como um coração, mas é um poder e uma virtude equivalente ao coração” (Paracelso, apud Dudgeon, 1994b, p. 13).

- (4) introdução do conceito de posologia, desabonando a prática de seus contemporâneos de ministrar quantidades maciças de drogas aos pacientes, cujo efeito, muito usual, era a intoxicação. Paracelso acreditava que as drogas deveriam ser administradas não pela quantidade, mas, principalmente, por suas características;
- (5) utilização de novas técnicas para o preparo de medicamentos, baseando-se nos conhecimentos de alquimia;
- (6) confirmação dos resultados da terapêutica através da observação e da ‘experimentação’ em pessoas doentes.

Como se verá adiante, há grande semelhança entre os sistemas médicos elaborados por Paracelso e por Hahnemann, embora este último jamais tenha feito referência ao primeiro.

A obra de Hahnemann

O criador da Homeopatia, Christian Frederick Samuel Hahnemann, nasceu no dia 10 de abril de 1755 na pequena cidade de Meissen, no Eleitorado da Saxônia, Alemanha (Corrêa, 1995). Seu pai era pintor de porcelana, não possuindo uma boa situação financeira.

Em 1775, Hahnemann vai para Leipzig, onde assiste às aulas na universidade. Para custear os estudos, traduz livros médicos do inglês para o alemão e leciona outros idiomas. Apesar de a Universidade de Leipzig ser considerada um local de excelência, não possuía instalações para o treinamento clínico que tanto o encantava e, por isso, após dois anos de estudos, partiu para Viena com a intenção de praticar a medicina. Durante sua estada adquiriu experiência com o famoso Dr. Von Quarin, o médico da corte. Seus recursos possibilitaram que ele permanecesse menos de um ano, quando então foi convidado pelo governador da Transilvânia para catalogar sua biblioteca e classificar sua coleção de moedas. Hahnemann passou a ser também uma espécie de conselheiro mé-

dico e a dar consultas, apesar de ainda não estar formado. Ficou na Transilvânia por dois anos, até que conseguiu economizar dinheiro suficiente para matricular-se na Universidade de Erlangen, em 1779, conseguindo o diploma de médico aos 24 anos.

Hahnemann clinicou durante algum tempo, mas mostrou-se insatisfeito, a exemplo de Paracelso, com os resultados obtidos com a medicina tradicional, optando por ganhar a vida traduzindo livros médicos. Em 1790, aos 35 anos, durante a tradução da *Matéria Médica* de William Cullen (1710-1790), ficou intrigado com as explicações dadas por este para os efeitos terapêuticos da *China officinallis* (quina) (Corrêa, 1995). Decidiu, então, experimentar a quina, observando em si mesmo manifestações bastante semelhantes às apresentadas por pacientes com malária. Concluiu, deste modo, que a quina era utilizada no tratamento da malária porque produzia sintomas semelhantes em pessoas saudáveis. Em última análise, este foi um dos alicerces de seu ordenamento empírico e ‘experimental’, uma vez que, para Hahnemann, a observação genuína dos efeitos de um dado medicamento pressupõe que ele seja administrado às pessoas sãs, ao contrário do postulado por Paracelso (Dudgeon, 1994a e 1994b). Animado por esse primevo resultado, utilizou também beladona, digital, mercúrio e outros compostos, obtendo resultados similares. Apoiado em suas evidências experimentais e no pensamento hipocrático – *Similia similibus curentur* – (Corrêa, 1995; Dudgeon, 1994b; Vanier, 1994), Hahnemann concebeu uma nova forma de tratamento, embasada na cura pelos semelhantes.

A partir desse momento Hahnemann começou a pesquisar a “lei dos semelhantes”. Em 1796 publicou o *Ensaio sobre um novo princípio para averiguar os poderes curativos das substâncias medicinais*, no qual fazia um apanhado sobre seus experimentos e relatava alguns fatos observados anteriormente por outros autores (Hahnemann, 1796). Nesse mesmo ano retornou à atividade médica, tratando seus pacientes pela aplicação de suas novas idéias. O ano de 1796 ficou conhecido como marco do início da Homeopatia.

Estabelecem-se, portanto, os fundamentos da medicina homeopática, os quais divergem em essência dos conceitos terapêuticos alopáticos da medicina tradicional. Vale ressaltar que as concepções hahnemanianas reviveram muito da tradição hipocrática – atenção ao regime alimentar e importância dos fatores climáticos, ecológicos e psicológicos no processo saúde-doença (Danciger, 1992; Eizayaga, 1992; Weiner, 1994).

Hahnemann postulou a existência de uma *energia vital*, a qual possibilita, ao organismo, o estabelecimento de reações aos mais variados estímulos ambientais. O homem é compreendido como uma unidade composta por corpo, alma e consciência, capaz de se manter sã quando todas as sensações e reações se equilibram de forma harmônica (Espinosa, 1999). Isto posto, nas circunstâncias em que há

distorções nessa harmonia o indivíduo se torna doente, sofrendo de um padecimento que lhe é próprio (Corrêa & Quintas, 1994; Eizayaga, 1992; Hahnemann, 1810; Teixeira, 1996; Teixeira, 2000):

Quando o Homem adoece é somente porque, originalmente, esta força de tipo não material, presente em todo o organismo, esta força vital de atividade própria (princípio vital) foi afetada através da influência dinâmica de um agente morbífico, hostil à vida; somente o princípio vital afetado em tal anormalidade pode conferir ao organismo as sensações adversas, levando-o, assim, a funções irregulares a que damos o nome de doença, pois este ser dinâmico, invisível por si mesmo e somente reconhecível nos seus efeitos no organismo, fornece sua distonia mórbida somente através da manifestação da doença nas sensações e funções... (Hahnemann, 1810, § 11)

O desequilíbrio dessa *energia vital* promove uma ‘disfunção’ orgânica, a qual faz o homem adoecer. Não faz sentido, portanto, falar-se de uma doença em si mesma, mas sim de pessoas enfermas (Eizayaga, 1992; Heinze, 1996).

Por conhecer bem as modalidades terapêuticas de sua época, Hahnemann rapidamente se deu conta de que muitas plantas e substâncias eram tóxicas, produzindo freqüentemente efeitos adversos importantes – tal qual observado por Paracelso (Corrêa & Siqueira-Batista, 1996). Deste modo, passou a diluir ao máximo os medicamentos, tentando que sua toxicidade fosse diminuída. Os resultados da nova terapêutica foram bastante promissores e, por conta disso, o médico alemão decidiu voltar a clinicar, em caráter definitivo.

Conta a história que nessa época aconteceu o que alguns consideram um “triunfo do acaso e da inteligente observação”, que impulsionou fortemente o estudo da homeopatia. Hahnemann possuía uma pequena carroça com a qual percorria o interior do país para tratar a população. Ele começou a observar, entretanto, que os pacientes que moravam mais longe eram mais eficaz e rapidamente curados, e associou esse dado ao movimento que a carroça fazia ao passar pelos buracos da estrada. Passou então a sacudir os medicamentos (dinamizar) e basear o preparo destes em dois preceitos: *diluição* e *dinamização*. A partir desse momento, os resultados obtidos foram muito positivos e a Medicina Homeopática começou a se difundir e a ganhar popularidade.

Em 1810, publicou a primeira edição do *Organon da arte de curar* (Hahnemann, 1810), livro que teve outras cinco edições (a sexta edição só seria publicada em 1921, muitos anos após sua morte). O *Organon* passou a ser considerado o livro principal da Homeopatia. Nessa obra, Hahnemann cita 440 médicos que utilizaram o princí-

pio dos semelhantes, desde Hipócrates até os seus dias. Em 1811 publicou o primeiro volume da *Matéria médica pura*, obra que foi concluída no ano seguinte (ao todo, composta por seis volumes).

A partir de 1812 começou a lecionar na Universidade de Leipzig para estudantes, admiradores e antigos médicos. Para tanto, teve que defender uma tese na Faculdade de Medicina, fazendo uma magistral apresentação sobre a utilização do *Veratrum album* para um auditório lotado, demonstrando profundo conhecimento da história do pensamento médico. Após a dissertação, a banca constituída por inúmeros adversários de sua doutrina teve de admitir sua grande erudição e aprová-lo sem ressalvas. Conseguiu um grande número de seguidores e, em 1828, publicou outra grande obra intitulada *Doenças Crônicas* (Corrêa et al., 1997). Nessa época a Homeopatia já havia alcançado várias outras regiões do mundo.

Hahnemann viveu em Paris de 1835 até sua morte, aos 88 anos, no dia 2 de julho de 1843, após o que foi reconhecido por inúmeros médicos que antes se opunham aos seus ensinamentos. Em Leipzig, local onde sofreu severas críticas e perseguições, médicos e farmacêuticos ergueram, em 1851, um monumento de bronze em sua homenagem.

Contribuições ulteriores

Muitos foram os seguidores de Hahnemann que, após sua morte, deram continuidade à sua obra. Sem dúvida, os que mais contribuíram para a evolução dos fundamentos da Homeopatia foram Hering e Kent (Corrêa et al., 1997; Kent, 1926).

Constantin Hering nasceu em 1º de janeiro de 1800, na Saxônia (Alemanha), e ingressou em 1817 na Academia de Cirurgia de Dresden e, em 1820, na Faculdade de Medicina de Leipzig. Em 1833 foi morar nos Estados Unidos, onde fundou vários institutos homeopáticos, lecionou e escreveu uma grande obra sobre a *Matéria médica* composta por dez volumes, mantendo, durante muitos anos, correspondência com Hahnemann – as cartas resultantes foram posteriormente publicadas. Hering chegou a assistir às conferências proferidas por Hahnemann na Faculdade de Medicina de Leipzig e foi o criador de uma lei de tratamento que leva seu nome – “Lei de Hering” –, exposta pela primeira vez pelo próprio Hahnemann em uma das edições de seu *Doenças crônicas*, em 1845 (Corrêa et al., 1997). Morreu em 1880, tendo adquirido grande prestígio no meio médico.

James Tyler Kent, nasceu em 31 de março de 1849, em Nova York (Estados Unidos) e faleceu em 1916. Escreveu vários livros que são utilizados até a atualidade, tais como *Repertório*, *Matéria médica* e *Filosofia homeopática*, entre outros que foram traduzidos para diversas línguas, sendo reimpressos até hoje (Kent, 1926). Criou

várias técnicas e conceitos, além de um novo modo de pensamento da homeopatia, o qual angariou muitos adeptos, os quais se organizaram em torno da Escola Kentiana.

Homeopatia no Brasil

A chegada da medicina homeopática ao Brasil ocorreu em 1841, quando Benoit-Jules Mure – que passou a ser conhecido como Bento Mure – fundou a Escola Homeopática do Rio de Janeiro (Corrêa et al., 1997). No ano seguinte cria o Instituto Homeopático de Saí (Santa Catarina) e a primeira farmácia homeopática do Rio de Janeiro (fundada por Bento Mure e João Vicente Martins). Em agosto de 1843, Mure juntamente com Vicente José Lisboa, institui o Instituto Homeopático do Brasil, o primeiro consultório homeopático do Rio de Janeiro, e a Botica Homeopática Central, a primeira farmácia homeopática do Brasil, ambos com o objetivo de difundir a homeopatia e atender aos menos favorecidos (Nobre, 1942).

Em 1845 foi criada a Escola Homeopática do Brasil – primeira escola de formação homeopática –, sob a direção de João Vicente Martins, a qual, em 1847, é substituída pela Academia Médico-Homeopática do Brasil.

Bento Mure recebeu severas críticas no meio médico brasileiro, por tentar difundir idéias totalmente desconhecidas. Desgostoso com a situação, optou por sair do país sete anos após sua chegada, deixando, entretanto, a semente lançada – fez muitos discípulos que continuaram seu trabalho. Vários foram os autores brasileiros que se tornaram adeptos da Homeopatia durante sua implantação no Brasil, dentre os quais se destacam João Vicente Martins (1810-1854), Domingos de Azevedo Duque-Estrada (1812-1900), Sabino Olegário Ludgero Pinho (1820-1869), Maximiano Marques de Carvalho (1820-1896), Antônio do Rego (1820-1896), Saturnino Soares de Meireles (1828-1909), Manuel Antônio Marques de Faria (1835-1893), Alexandre José de Melo Moraes (1843-1919), Joaquim Duarte Murtinho (1848-1911) e Cássio Barbosa de Resende (1879-1971).

Em 1858, o Hospital da Ordem Terceira da Penitência (no Rio de Janeiro) abriu uma enfermaria homeopática, iniciativa seguida pelo Hospital da Beneficência Portuguesa (1859), Hospital da Ordem Terceira do Carmo (1873), Santa Casa de Misericórdia (1883), Hospital Central do Exército (1902) e Hospital Central da Marinha (1909).

No início do século XX, Licínio Cardoso fundou no Rio de Janeiro a Faculdade Hahnemaniana (1914) e, a ela anexo, o Hospital Homeopático do Rio de Janeiro, atualmente Escola de Medicina e Cirurgia da Uni-Rio.

Em 1966, durante o governo de Castello Branco, foi decretada obrigatória a inclusão da Farmacotécnica Homeopática em todas

as faculdades de Farmácia do Brasil. Em 1977 foi publicada a primeira edição oficial da *Farmacopéia Homeopática Brasileira*. A Homeopatia foi reconhecida como especialidade médica pela Associação Médica Brasileira, em 1979, e no ano seguinte deu-se o referendo definitivo pelo Conselho Federal de Medicina (Sociedade de Medicina e Cirurgia de Campinas, 2004).

Reflexões derradeiras: homeopatia ontem e hoje

A despeito das similaridades com o pensamento médico hipocrático e com os conceitos de Paracelso, a Homeopatia surgiu como uma modalidade terapêutica ‘revolucionária’ no seu tempo. Nos anos seguintes à sua criação, pôde-se assistir à difusão dos conhecimentos homeopáticos por boa parte do mundo, os quais se consolidaram em torno das concepções formuladas por Hahnemann, sendo mantidos os mesmos princípios e uma linguagem bastante próxima daquela cunhada por seu fundador. Contribuíram para isso os inúmeros relatos de eficácia dos medicamentos homeopáticos, nas mais díspares condições clínicas.

Tal panorama manteve-se por um tempo não muito amplo. Ao longo do século XIX emergem profundas modificações no *saber-fazer* da medicina. Tanto o advento da Anatomia Patológica – que teve em Bichat um de seus maiores expoentes (Foucault, 1994) –, quanto a descoberta dos microrganismos patogênicos – nos trabalhos de Pasteur, Koch e Lister, principalmente – acabaram por demarcar uma ‘materialização’ da doença, a qual podia ser *vista* e compreendida a partir de uma causa claramente delimitada, caracterizando uma nítida posição *substancialista* no processo saúde-doença, tal qual o demarcado por Gaston Bachelard (Bachelard, 1995). As concepções de origem *vitalista* tornaram-se progressivamente esvaçadas, graças à ascensão de modelos *mecanicistas*, de origem cartesiana (Capra, 1996), os quais alcançaram grande sucesso na biologia e na ciência médica, com reflexos que se mantêm presentes ainda hoje, como discutido por Capra em *O ponto de mutação*:

Em biologia, a concepção cartesiana dos organismos vivos como se fossem máquinas, constituídas de partes separadas, ainda é a base da estrutura conceitual dominante. Embora a biologia mecanicista de Descartes não tenha ido muito longe, por ser bastante simples, tendo por isso sofrido consideráveis modificações nos últimos trezentos anos, a crença no fato de que todos os aspectos dos organismos vivos podem ser entendidos se reduzidos aos seus meros constituintes, e estudando-se os mecanismos através dos quais eles interagem, está na própria base do pensamento biológico contemporâneo. (Capra, 1996, p. 96)

O foco dado à questão da vida – e à medicina, por consequência – trouxe um avanço espetacular no século XX, capaz de colocar em ‘apuros’ os mais renitentes críticos da idéia de progresso científico. Entretanto, muitos problemas permanecem insolúveis no âmago do paradigma biológico ‘mecanicista’, podendo mencionar-se, a título de exemplo, questões das neurociências, da imunologia e da embriogênese. Este é um dos constituintes desse mosaico: as ciências biomédicas dos últimos cem anos, apesar do seu espetacular alcance, mantêm um repertório explicativo ainda bastante limitado para o que quer que seja a vida, a saúde e a doença (Capra, 1998).

Podem-se reunir, ainda, (1) o fato de o médico ter se afastado paulatinamente dos seus pacientes – substituição da anamnese e do exame físico por exames complementares... menos diálogo com os que sofrem e mais testes de laboratório (Braunwald et al., 2002; Siqueira-Batista & Siqueira-Batista, 2002) – e (2) o surgimento de alguns resultados inesperados em relação à ‘memória’ da água, tal qual apresentado nos polêmicos artigos do respeitado J. Benveniste (Benveniste et al., 1994; Davenas et al., 1987). Todos esses elementos têm proporcionado certo (re)nascimento do interesse pela medicina homeopática, a partir da percepção de que a incompreensão de seus mecanismos não é suficiente para decretar sua ineficácia, cabendo, outrossim, que esta especialidade seja mais bem investigada, dentro do que se tem hoje disponível.

É possível que este seja um dos grandes dilemas a serem enfrentados: se a homeopatia se ‘rende’ a uma ‘racionalidade’ distinta da sua, alopática, em busca da definitiva (?) validação científica – o que já vem sendo pregado por muitos homeopatas (Corrêa & Quintas, 1995; Luz, 2002) –, corre o risco real de se descaracterizar enquanto sistema próprio de *pensamento* e de *fazer* médicos; se, todavia, resiste a se submeter aos critérios ‘alienígenas’ de confirmação de eficácia, poderá permanecer como conhecimento marginalizado e taxado como inferior. Esta é a difícil encruzilhada, quiçá como uma *escolha de Sofia*...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- | | |
|--|--|
| Abreu, C.
1936 | Discurso inaugural da fundação da Associação Paulista de Homeopatia – 1936. Disponível em www.aph.org.br/sgc/base/new4one.asp?idn=275 , acesso em 3.3.04. |
| Almeida, J. L. T.;
Schramm, F. R.
1999 | Paradigm shift, metamorphosis of medical ethics and the rise of bioethics? <i>Cadernos de Saúde Pública</i> , v. 15, supl. 1, p. 15-25. |
| Avicena
s.d. | Disponível em www.pucsp.br/~filopuc/verbete/avicena.htm , acesso em 8.4.2004. |

- Bachelard, Gaston
1995
A Homeopatia e seus ritmos.
Revista de Homeopatia – APH, v. 60, n. 1, p. 25-6.
- Benveniste, J.;
Ducot, B.; Spira, A.
1994
Memory of water revisited.
Nature, v. 370, n. 6488, p. 322.
- Braunwald, E. et al.
2002
Harrison Medicina Interna.
Trad. Marcio Moacyr Vasconcelos. 15. ed. Rio de Janeiro: McGraw Hill.
- Capra, Fritjof
1998
A teia da vida.
São Paulo: Cultrix.
- Capra, Fritjof
1996
O ponto de mutação.
Trad. Álvaro Cabral. 27. ed. São Paulo: Cultrix.
- Cornford, F. M.
1989
Principium Sapientiae: as origens do pensamento filosófico grego.
Trad. Maria Manuela Rocheta dos Santos. 3. ed.
Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Corrêa, Anderson
Domingues
1995
Samuel Hahnemann.
Scientia Medica, v. 1, n. 1, p. 68-70.
- Corrêa, Anderson
Domingues; Quintas,
Luis Eduardo M.
1995
A Homeopatia como ciência: fatos e suposições (Editorial).
Scientia Medica, v. 1, n. 1, p. 51-2.
- Corrêa, Anderson
Domingues; Quintas,
Luis Eduardo M.
1994
Princípios e conceitos atuais da medicina homeopática.
Revista Brasileira de Medicina, v. 51, n. 3, p. 914-20.
- Corrêa, Anderson
Domingues;
Siqueira-Batista,
Rodrigo
1996
Paracelso – o ‘médico maldito’.
Principais contribuições para o desenvolvimento da medicina e química.
Arquivos Brasileiros de Medicina, v. 70, n. 12, p. 641-4.
- Corrêa, Anderson
Domingues;
Siqueira-Batista,
Rodrigo; Quintas,
Luis Eduardo M.
2003
Plantas medicinais: do cultivo à terapêutica. 6. ed.
Petrópolis: Vozes.
- Corrêa, Anderson
Domingues;
Siqueira-Batista,
Rodrigo; Quintas,
Luis Eduardo M.
1997
Similia similibus curentur: notação histórica da medicina homeopática.
Revista da Associação Médica Brasileira, v. 43, n. 1, p. 347-51.
- Danciger, E.
1992
Homeopatia: da alquimia à medicina.
Rio de Janeiro: Xenon.
- Davenas, E.;
Poitevin, B.;
Benveniste, J.
1987
Effect of mouse peritoneal macrophages of orally administred very high dilutions of silica. *European Journal of Pharmacology*, v. 135, n. 2, p. 313-9.
- Dudgeon, R. E.
1994a
Hahnemann, esboço de uma biografia.
Revista de Homeopatia – APH, v. 59, n. 3-4, p. 10-30.

- Dudgeon, R. E.
1994b O princípio homeopático em medicina antes de Hahnemann.
Revista de Homeopatia – APH, v. 59, n. 2, p. 8-18.
- Eizayaga, F. X.
1992 *Tratado de Medicina Homeopática*. 3. ed.
Buenos Aires: Marecel.
- Espinosa, J. A. L.
1999 Notas para la história de la Homeopatía.
Revista Cubana de Medicina General y Integral, v. 15, n. 5, p. 587-90.
- Foucault, Michel
1994 *O nascimento da clínica*. Trad. Roberto Machado. 4. ed.
Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Frias, I. M.
2002 *Medicina e filosofia na Grécia Clássica e o conceito de melancolia: um estudo da relação corpo-alma sob o ponto de vista do binômio saúde-doença*. Tese (Doutoramento em Filosofia), Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro.
- Frias, I. M.
2001 *Platão Leitor de Hipócrates*.
Londrina: Ed. Universidade Estadual de Londrina.
- Galen, C. [Galenos]
1997 *Selected Works*.
Trad. P. N. Singer. Oxford & New York: Oxford University Press.
- Garrison, F. H.
1966 *História de la Medicina*.
Ciudad de México: Interamericana.
- Gilson, E.
1998 *A Filosofia na Idade Média*.
Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes.
- Gordon, R.
1996 *A Assustadora História da Medicina*. 6. ed.
Trad. Aulyde Soares Rodrigues. Rio de Janeiro: Ediouro.
- Hahnemann, S.
1810 *Organon der Retionellen Heilkunde*.
Dresden: Arnoldischen Buchhandlung.
- Hahnemann, S.
1796 *Similia similibus curentur*.
J Pract Arzneyk, v. 2, p. 391-561.
- Heinze, S.
1996 *Homöopathie 1796-1996. Eine Heilkunde und ihre Geschichte*.
Dresden: Lit. Europe.
- Hipócrates
2002 *Conhecer, Cuidar, Amar*. Seleção de textos e apresentação de Jean Salem.
Trad. Dunia Marino Silva. São Paulo: Landy.
- Hipócrates
1998 *Aforismos*.
Comentários de Carlos Brunini. São Paulo: Typus.
- Hippocrates
[Hipócrates]
1992a *Prognostic*. With an english translation by W. H. S. Jones.
Cambridge: Harvard University Press.
- Hippocrates
[Hipócrates]
1992b *Nature of Man*. With an english translation by W. H. S. Jones.
Cambridge: Harvard University Press.
- Hippocrates
[Hipócrates]
1992c *The Sacred Disease*. With an english translation by W. H. S. Jones.
Cambridge: Harvard University Press.
- Hippocrates
[Hipócrates]
1992d *Airs Waters Places*. With an english translation by W. H. S. Jones.
Cambridge: Harvard University Press.
- Hippocrate
[Hipócrates]
1839-1861 *Ouvres Complètes*. Introduction, traduction et notes par Émile Littré.
Paris: Bailliére. 10 v.

- Jaeger, Werner
1995
Paidéia: a formação do homem grego.
Trad. Artur M. Parreira. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Kent, J. T.
1926
A la memoria de James Tyler Kent. In: Kent, J. T. *Filosofia homeopática*, 2. ed. Madrid: Casa Editorial Bailly-Bailliere.
- Kirk, G. S.;
Raven, J. E.;
Schofield, M.
1994
Os filósofos pré-socráticos: história crítica com seleção de textos.
Trad. Carlos Alberto Louro Fonseca.
Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Laín Entralgo, P.
1987
La medicina hipocrática.
Madrid: Alianza Editorial.
- Luz, H. S.
2002
Homeopatia: histórias e fundamentos epistemológicos.
História, Ciências, Saúde – Manguinhos, v. 9, n. 2, p. 437-41.
- Luz, M. T.
1996
A afirmação de uma racionalidade médica específica.
Revista de Homeopatia – APH, v. 61, n. 1-2, p. 13-6.
- Nobre, A.M.
1942
A homeopatia no Brasil: sua evolução e a contribuição de Joaquim Murtinho.
São Paulo: Ed. Farmácia Murtinho.
- Paracelso
1973
A chave da alquimia.
São Paulo: Ed. Três.
- Pereira, Rosalie
Helena de Souza
2005
Avicena: a viagem da alma.
São Paulo: Ed. Perspectiva.
- Platon [Platão]
1956
Timée. Texte établi et traduit par A. Rivaud. 3. éd.
Paris: Belles Lettres.
- Rebollo, R. A.
2003
Considerações sobre o estabelecimento da medicina no tratado hipocrático ‘Sobre a Arte Médica’. *Scientiae Studia*, v. 1, n. 3, p. 275-98.
- Schramm, F. R.
2002
A bioética, seu desenvolvimento e a importância para as ciências da vida e da saúde. *Revista Brasileira de Cancerologia*, v. 48, n. 4, p. 609-15.
- Schüler, Donaldo
2002
As origens do discurso democrático.
Porto Alegre: L&PM.
- Siqueira-Batista,
Rodrigo
2004
O nascimento da clínica: a doutrina e o método na medicina hipocrática.
Revista da Faculdade de Medicina de Teresópolis, v. 6, n. 1, p. 16-8.
- Siqueira-Batista,
Rodrigo
2003a
Deuses e homens.
Mito, filosofia e medicina na Grécia Antiga. São Paulo: Landy.
- Siqueira-Batista,
Rodrigo
2003b
O espírito helênico: o poeta, o filósofo e o médico na Grécia antiga.
Revista Brasileira de Filosofia, v. 52, n. 212, p. 465-84.
- Siqueira-Batista,
Rodrigo;
Schramm, F. R.
2004
Platão e a medicina.
História, Ciências, Saúde – Manguinhos, v. 11, n. 3, p. 619-34.
- Siqueira-Batista,
Rodrigo;
Siqueira-Batista,
Romulo
2002
De como filosofar é aprender a morrer. O pensamento de Michel de Montaigne como pressuposto na discussão sobre a morte e o processo de morrer na prática médica. *Cadernos de Saúde Coletiva*, v. 10, n. 2, p. 9-18.

- Siqueira-Batista, Rodrigo; Gomes, A. P.; Igreja, R. P.
2001
Outras filaríases. In: Siqueira-Batista, Rodrigo; Gomes, A. P.; Igreja, R. P.; Huggins, D. W. *Medicina tropical: abordagem atual das doenças infecciosas e parasitárias*. Rio de Janeiro: Cultura Médica. v. 1, p. 353-7.
- Siqueira-Batista, Rodrigo et al.
2004
Anamnese. A base do diagnóstico em medicina. *Revista da Faculdade de Medicina de Teresópolis*, v. 6, n. 1, p. 19-22.
- Siqueira-Batista, Rodrigo et al.
2000
Ensaio sobre o átomo. Rio de Janeiro: Litteris.
- Sociedade de Medicina e Cirurgia de Campinas
Departamento de Homeopatia.
Disponível em: www.smcc.com.br/departamentos/homeopat.html, acesso em 30.3.2004.
- Teixeira, M. Z.
2000
O vitalismo hahnemaniano na prática clínica homeopática. *Revista de Homeopatia – APH*, v. 65, n. 2, p. 23-34.
- Teixeira, M. Z.
1996
A concepção vitalista de Samuel Hahnemann. *Revista de Homeopatia – APH*, v. 61, n. 3-4, p. 39-44.
- Universidade Católica de Chile
s.d.
Galeno. Disponível em: escuela.med.puc.cl/publ/HistoriaMedicina/AlejandrinaGaleno.html, acesso em 12.3.2004.
- Vanin, J. A.
1994
Alquimistas e químicos. São Paulo: Moderna.
- Vannier, L.
1994
A idéia da Homeopatia na história. (Originalmente editado em *Médecine officielle et médecins hérétiques*. Paris: Plon, 1945.) *Revista de Homeopatia – APH*, v. 59, n. 1, p. 23-8.
- Weiner, M.
1994
O livro completo de Homeopatia. Rio de Janeiro: Record.

Recebido para publicação em junho de 2004.

Aprovado para publicação em fevereiro de 2005.